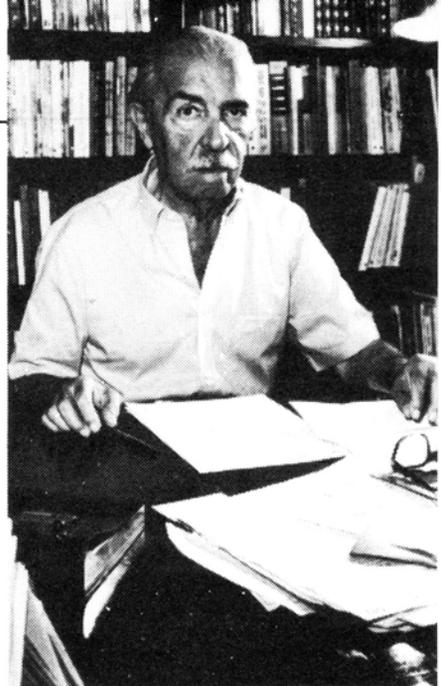


---

# Borboletas & solecismos

Otto Lara Resende



**OTTO LARA RESENDE** é romancista, contista, colunista em diversos jornais, e autor de, entre outros, *Retrato na gaveta*.

Em 1939, por ocasião do centenário de nascimento de Machado de Assis, a *Revista do Brasil*, que pertencia então aos *Diários Associados*, dedicou um número ao escritor que é hoje, consensualmente, o mais expressivo da literatura brasileira. Machado, morto em 1908, portanto havia 31 anos, era já inquestionavelmente um nome glorioso e consagrado, a despeito de uns restos de controvérsia que permaneciam no ar.

Tinha aparecido o livro de Alfredo Pujol, como antes o de Alcides Maia. No ano do centenário, a curiosidade em torno de Machado aumentou muito. Já havia perspectiva histórica para julgar o grande escritor sem o ressaibo do vesgo libelo de Sílvia Romero. A família dos estudiosos machadianos foi, a partir daqui, muito enriquecida. O mineiro Mário Matos publicou na coleção "Brasiliana", da Companhia Editora Nacional, o seu *Machado de Assis – O homem e a obra*, uma edição ilustrada com o dístico "os personagens explicam o autor".

No Rio, Lúcia Miguel-Pereira, Barreto Filho, Augusto Meyer e Peregrino Junior deram uma contribuição substancial ao conhecimento do escritor e à interpretação de sua obra. Não se pode esquecer, porém, o que significou, naquele ano de 1939, a consagração de uma revista de prestígio nacional como era a *Revista do Brasil*, fundada em 1916, e nessa fase dirigida por Octavio Tarquinio de Sousa. 1939 era o "Anno IV" da "3ª phase" da *Revista*, ou seja, anterior à reforma ortográfica que viria poucos anos depois.

Exatamente nesse ano de 1939, chegava ao Rio um jovem alagoano, que seis anos antes tinha em vão tentado fixar-se na capital da República. Seu nome: Aurélio Buarque de Holanda, aliás, Aurélio (sem acento agudo) Buarque de Hollanda (com dois H), sem o Ferreira, que só acrescentaria mais tarde. Pode-se imaginar que seu nome já tinha uma certa irradiação federal, porque nesse mesmo histórico ano de 1939 – e histórico por tantas razões, entre as quais avultam o centenário de Machado de Assis e o início da II Guerra Mundial – Aurélio era alçado à condição de Redactor-Secretário da *Revista do Brasil*.

De fato, Aurélio já tinha no meio carioca algumas amizades de prestígio intelectual – José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Tomás Santa Rosa (o hoje esquecido pintor, crítico de arte e cenógrafo que renovou o teatro a partir de *O vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues). Com esses três amigos, Aurélio tinha travado relação em Maceió, a partir de uma roda de alagoanos que marcou época. A essa roda pertenceram Raul Lima, mais tarde redator e diretor do "Suplemento Literário" do *Diário de Notícias*, e Valdemar Cavalcanti, mais tarde diretor do "Suplemento Literário" do *O Jornal*, o então órgão-ílder dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand.

A direção da *Revista do Brasil* era evidentemente um lugar de destaque, ocupado por intelectuais merecedores do apreço geral. Para só citar um nome, por lá passou também, além de Octavio Tarquinio, Rodrigo M.F. de Andrade. O lugar de Redator-Secretário podia ser igualmente prestigioso, mas era sobretudo um lugar de trabalho, próprio para o que na imprensa se chamava de um "pé-de-boi", ou seja, o profissional que coordenava a publicação e lhe dedicava todo o tempo necessário. Era, em suma, quem dava duro.

---

A simples informação de que Aurélio Buarque de Holanda chegou ao Rio e foi imediatamente alojado nesse honroso e trabalhoso cargo de Redator-Secretário dá a medida de sua competência intelectual e do empenho que punha em todas as tarefas que lhe eram confiadas. Aurélio de fato não brincava em serviço, o que está muito longe de significar que gostasse de brincar. A imagem que dele guardo é a de um homem sempre efusivo, extrovertidamente alegre, disposto, mais do que à camaradagem e à comunicação, a uma genuína confraternização.

Sua autoridade intelectual, que logo se impôs e se tornou notória, não excluía um temperamento inclinado ao gosto de viver. Figura imponente, com seus bastos cabelos louros, olhos claros, corpo cheio, era patente que Aurélio gostava da vida, assim como a vida, em contrapartida, gostava de Aurélio. Se depender do meu testemunho, nunca poderei dizer que vi ou tive notícia de momentos de mau-humor na vida pessoal e profissional de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Sua marca era um permanente *sense of humour*, em que podia haver, como é lícito, uma nota de maldade, mas nunca se poderia flagrar uma dose de maldade ou de mesquinha.

Aurélio permaneceu atuante na *Revista do Brasil* até 1943. Foram quatro anos decisivos na história dessa publicação que, sozinha, pode dar uma boa notícia do que era a vida literária e cultural do Brasil naqueles anos sombrios, com a ditadura do Estado Novo aqui dentro e, lá fora, a conflagração mundial, no confronto de vida ou de morte entre as democracias e o nazi-fascismo. Bastaria citar, além do número dedicado a Machado de Assis, e que teve importância na trajetória de consagração do autor de *Dom Casmurro*, um outro número da *Revista do Brasil*, de maio de 1941.

Esse número, o 35, foi dedicado a "O romance brasileiro". Ninguém terá dúvida do papel desempenhado mais uma vez por Octavio Tarquinio de Sousa, não apenas na direção da *Revista*, mas especialmente na concepção e realização desses números especiais que marcaram época. Pela sua expressão pessoal, pelo apreço que justamente merecia, Tarquinio contava com a colaboração do que havia de melhor no Brasil, a começar por Lúcia Miguel-Pereira, sua mulher. Mas não seria demasiado pôr em relevo a parte que coube a Aurélio Buarque de Holanda.

Com dois anos de residência no Rio de Janeiro, mal tendo chegado aos 30 anos de idade, Aurélio era já uma figura acatada – um mestre, pode-se dizer sem exagero. Nesse número sobre o romance brasileiro, figura o famoso ensaio de Mário de Andrade sobre Raul Pompéia, publicado logo depois no seu livro *Aspectos da literatura brasileira*. Mário residia então no Rio, num período tormentoso de sua vida, como ficará demonstrado no livro a sair brevemente, de autoria de Moacir Werneck de Castro.

Além de desempenhar as funções de pé-de-bois Aurélio também colaborava na *Revista* – e nesse número 35, de 1941, está o seu estudo sobre Teixeira de Sousa, autor de *O filho do pescador* e *As fatalidades de dois jovens*. Na seção de Livros, com resenhas num cuidadoso estilo que sustentou toda a vida, até morrer, aparecia Valdemar Cavalcanti. Outro co-estaduano, amigo e companheiro de geração, Raul Lima, assinava o comentário internacional, numa linha de inequívoca simpatia pela causa aliada. No *Diário de Notícias*, Raul Lima era também um dos estílios democráticos, enfrentando a censura que dedicava especial atenção ao valoroso jornal de Orlando R. Dantas.

Poucos anos depois, eu encontraria Raul Lima nesse mesmo *Diário de Notícias*, por onde passei, levado pela mão de Edgar da Mata Machado, assim como também seria colega de Valdemar Cavalcanti em *O Jornal*. Aqui, nos *Diários Associados*, depois de Carlos Lacerda e de Vinícius de Moraes, dirigi eu o "Suplemento Dominical", que contava com a coluna de livros de Valdemar Cavalcanti, depois justamente promovido a diretor do "Suplemento", que era então mais do que literário, porque compreendia as páginas femininas, agrícolas, etc.

Por essa época, pouco depois, andando eu à volta dos 20 anos, é que conheci Aurélio Buarque de Holanda. Seu amigo perfeito (a expressão foi usada com referência a Rodrigo M.F. de Andrade, mas cabe aqui também), seu amigo perfeito Paulo Rónai, ao vê-lo pela primeira vez, creio que em 1941, encontrou-o dando duro em cima de provas tipográficas e achou-o "sisudo, secarrão, algo distante". Longe de mim pôr em dúvida a palavra de Rónai, que é autoridade em tudo e também em Aurélio. Às voltas com provas tipográficas, na trabalhadeira infernal que costumava ser a vida de um escritor metido na imprensa, quanto a isto me parece do mais puro realismo. Mas não consigo imaginar um Aurélio sisudo, secarrão, algo distante.

Basta dizer que, néfrito, sem títulos que me recomendassem, apenas com a cara e a coragem, conheci Aurélio Buarque de Holanda nessa altura e dele só mereci atenções. Se a prestigiosa e quase inatingível *Revista do Brasil* publicou um artigo de minha autoria, não tenho dúvida de que devo essa generosidade a Aurélio, talvez com o empurrão de uma palavra de simpatia de Álvaro Lins, com quem eu já tinha relações pessoais.

---

A partir desse primeiro encontro, Aurélio foi sempre uma presença efusiva e fraternal. É possível que, da minha parte, dois fatores tenham contribuído para que ele tão generosamente me aceitasse. Primeiro, sempre gostei de aprender – e Aurélio gostava de ensinar. Segundo, sempre gostei de dicionários – e Aurélio em pouco se tornava o nome mais importante do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, editado pela Civilização Brasileira. Filho de professor, desde menino tive uma certa familiaridade com dicionários.

Havia vários na biblioteca de meu pai, não apenas de Português, como de outras línguas vivas e mortas. Um deles, que nunca mais encontrei, dava-se ao luxo poliglota de registrar cada verbete, ou cada palavra, em seis ou oito línguas distintas. Havia os pequenos e úteis *Dicionários do Povo*, como havia também o Dicionário de Jayme Séguier, que, dizia-se, era um plágio do Larousse. De fato, o Séguier era uma réplica do Larousse até nas ilustrações, o que o tornava mais fascinante, uma espécie de pequena enciclopédia que ajudava a passar o tempo nas longas horas de estudo (*estudo*, numa acepção que nem o Aurélio registra, era uma hora de absoluto silêncio, dedicado ao preparo das lições do dia). Como o Larousse, o Séguier tem (ou tinha) um bom número de folhas cor-de-rosa ou azuis, com expressões latinas e outras formas consagradas de uma portátil “cultura de bolso”.

O dicionário era assim um convite a ingressar no reino encantado das palavras e da fantasia. Quando Aurélio se tornou conhecido como um dicionarista respeitado, a minha consolidada simpatia por ele só podia redobrar. Nossos encontros se davam quase sempre ao acaso, num Rio de Janeiro que permitia o convívio e que naturalmente aproximava os espíritos afins e os oficiais do mesmo ofício. Ou na José Olympio, ou na Civilização Brasileira, ou na redação do *Correio da Manhã*, em qualquer parte o encontro com Aurélio era sempre uma festa.

Na redação do *Correio* recebi dele a primeira lição útil, diante de um texto que leu e anotou à minha vista. Mais de uma vez foi dito que Aurélio caçava palavras como quem caça borboletas. Creio que podemos dizer que Aurélio era também um caçador de solecismos. Carlos Drummond de Andrade depôs sobre esse trabalho silencioso de Mestre Aurélio, ou seja, a paciente leitura e a revisão complacente de textos alheios, muitas vezes de escritores que se pretendiam consagrados. É possível que esse trabalho apostolar obscuro tenha contribuído para que a obra de ficção de Aurélio tenha se restringido ao livro de contos *Dois mundos*, em que está o exemplar *O Chapéu de Meu Pai*.

Também nos jornais e nas revistas por onde passou, Aurélio exerceu esse magistério espontâneo e gratuito, tendo por alunos muitos de seus confrades. Houve tempo em que, como seu amigo e conterrâneo Graciliano Ramos, passou pelo *Correio da Manhã*, numa antecipação do que depois viria a ser o copidesque – mas um copidesque sofisticado, com especializado conhecimento da língua e apurado gosto literário. No *Diário de Notícias*, ao lado de seu amigo e também conterrâneo Raul Lima, Aurélio era o editor do “Conto da Semana”, por ele escolhido e precedido de uma nota sobre o autor. Já apontava aí o profundo conhecedor de *Mar de histórias*, obra de paciência e sensibilidade realizada na erudita companhia de Paulo Rónai. Como prova, ainda uma vez, da generosa acolhida de Aurélio, posso dizer que fui espontaneamente um dos jovens contistas selecionados para a sua secção do *Diário de Notícias*. A publicação da peça da minha lavra me surpreendeu a mim mesmo e só me causou um pequeno aborrecimento – foi o meu prenome escrito com um único t... O *Director-Secretário*, o *Hollanda* de 1939, era agora um reformista à *outrance*. Nada de letras dobradas!

Enquanto Aurélio não foi apanhado pela doença cruel que acabou por matá-lo, nossos encontros se caracterizaram sempre por um espalhafato brincalhão, de que tenho documento fotográfico. De minha parte, dava-lhe um tratamento reverente e solene, com medidas e curvaturas que se iam multiplicando e se tornando mais exageradas na medida que ele topava a brincadeira e dobrava a parada. Houve situações em que causamos escândalo, sobretudo quando havia espectadores dispostos a apreciar e a estranhar a troça de dois senhores austeramente brincalhões. Assim era no Rio, como fora do Rio, onde quer que nos encontrássemos – em casa ou na rua.

Sendo um intelectual operoso e exato cumpridor dos deveres profissionais, tradutor e professor, colaborador pontual de jornais e revistas, encarregado de uma secção útil como por anos foi “Enriqueça o seu vocabulário”, em *Seleções*, Aurélio Buarque de Holanda era também um homem de boa prosa, admirável conversador, sobretudo quando se encontrava com velhos amigos e confrades. Sua memória excelente respondia ao primeiro estímulo – e sempre com graça, como tive o privilégio de presenciar em rodas com a presença de Álvaro Lins, de Maurício Rosemblat, de Raul Lima, para só falar de três amigos que já se foram.

Esse caráter de homem de bom conselho e de bom convívio é que contribuiu para fazer de Aurélio um excelente trabalhador em equipe. Sua autoridade e sua dedicação lhe asseguravam o lugar de chefe, ou de líder, a menos que se tratasse de um fraterno companheiro – um seu igual, como Paulo Rónai. Assim como gostava de ensinar, Aurélio estava também sempre

---

aberto a todo tipo de colaboração. Todos os que o conhecemos, sabíamos com que alegria e empenho ele recebia qualquer subsídio para o dicionário que viria a ficar conhecido com o seu nome.

Também eu, mais de uma vez, tive oportunidade de lhe mandar, ou de pessoalmente lhe comunicar alguma contribuição, modesta que fosse. Num aspecto ousei discordar de sua orientação. Coisa de somenos, mas não custa dizer aqui. Aurélio, a meu ver, tinha a tendência de considerar os brasileirismos como típicos do Nordeste. Não se trata de coisa relevante, mas apontei vários que, longe de ser propriamente "nordestinismos", ou até "alagoanismos", são correntes em Minas e noutras regiões do Brasil. Umas poucas vezes cheguei a sustentar que eram palavras de boa cepa potuguesa, com linhagem arcaica sujeita a corruptelas. O "patriotismo" alagoano de Aurélio sofria desse viés inocente, mas nem por isto deixava de ser um brasileiro de coração aberto a todos os quadrantes, e não apenas em matéria de palavras. Se fosse preciso provar, bastaria o seu trabalho sobre Simões Lopes Neto.

Aurélio não tinha inibições que fossem fruto de preconceito, ou de má-vontade. Gosto apurado, leitor incansável, tinha tempo e espaço na memória também para trechos de subliteratura. Mais uma vez, o seu senso de humor era afinsuperável. O mau gosto e o preciosismo de certos autores ganhavam uma graça especial à luz de seu senso crítico. Obrigado a um trabalho fatigante, ainda que vocacionalmente chamado para ele, Aurélio, onde quer que se encontrasse, era uma presença afável e extremamente comunicativa. Como bom conversador, sabia ouvir. Quando ficou universalmente conhecido como "Mestre Aurélio", afins pareceu acentuar a sua exuberante jovialidade.

Esse caráter jovial resistiu até à doença, enquanto pôde. A doença acabou por derrotá-lo, num longo sofrimento que é um dos mistérios do destino humano e quiçá da própria Misericórdia Divina. A publicação do seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, que já o encontrou consagrado, trouxe-lhe merecidas alegrias, que eram o coroamento de uma vida de trabalho fecundo. Bem que essas alegrias poderiam ter durado mais alguns anos. De qualquer forma, foi uma vida plena em todos os sentidos.

Não lhe faltou sequer o editor adequado, na hora oportuna. Concluído o Dicionário, Aurélio não encontrou imediatas facilidades para editá-lo. Tendo constituído uma pessoa jurídica com a sua equipe, com o objetivo de publicar a obra, o investimento assustava eventuais financiadores e o risco afastava editores estabelecidos na praça. Afinal deu-se o encontro do autor com o seu editor. Carlos Lacerda teve o necessário descortino para acolher na sua "Nova Fronteira" o Aurélio e dele fazer o dicionário mais popular do Brasil de hoje.